

PREFÁCIO

A *Revista Grau Zero*, de responsabilidade dos estudantes do Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), tem — de acordo com aquele que é o objetivo do programa, um caráter interdisciplinar e interinstitucional, uma vez que pretende promover intercâmbio com textos produzidos por doutorandos do Brasil e do Exterior.

O campo das humanidades permite diálogos nem sempre imagináveis. Lembremos de um dos postulados de Paul Zumthor para quem a voz é o lugar simbólico e que só pode ser definido por uma relação, uma distância de articulação entre um sujeito e um objeto, entre o objeto e o outro. A voz restabelece uma relação de alteridade que funda a palavra do sujeito. Essa voz está presente, neste número, sobretudo nos artigos que enfocam aspectos da tradição. São textos que nos fazem refletir acerca da importância de muitas de nossas comunidades, até então esquecidas ou pouco “exploradas”, no sentido etnográfico do texto. Vale destacar a importância das reflexões da história oral para pesquisas que tem como objeto o sujeito e as manifestações que dele advém.

Outro aspecto a ser explorado é o papel do crítico cultural e sua relação com a sociedade do espetáculo, aos moldes de Debord, lembrando do espetáculo como a relação social entre as pessoas mediada por imagens. Pensar na imagem em sua relação com o social está imbricado em análises que tomam como base o contemporâneo, considerando a contemporaneidade em sua singular relação com o tempo, sem que se mantenha um olhar fixo sobre o momento vivido, numa total relação com o pensamento de Agamben.

Considerando, portanto, a cultura como universo de produção simbólica, alicerçada no capitalismo como mercadoria, fica claro que a *Revista Grau Zero* é uma leitura ampliadora de horizontes, na medida em que desmistifica conceitos

pré-estabelecidos, desconstrói paradigmas ditos como únicos socialmente aceitos e engendra ideias que vão desde um enfoque na cultura, seja ela a “ciber”, a hegemônica ou a que se baseiam em imagens como forma de representação, quanto partem de uma perspectiva do popular, do visto como não-canônico, mas que não é menos importante nem menos literário. O Brasil, principalmente o representado pelas regiões norte e nordeste, é pleno em riquezas imateriais, significadas em música, pintura, cordel, etc. Pensar a pós-crítica é apostar nessas vozes silenciadas, é dar um novo significado a esses saberes, é entender o quanto essas produções podem ser significativas para uma abertura do campo da crítica, da literatura e, também, para o estabelecimento de novos paradigmas sociais e de legitimação no campo dos estudos literários, de linguagens, de críticas.

Assim, e a partir dos textos da *Revista Grau Zero*, vê-se a importância da interdisciplinaridade para o amadurecimento do campo da crítica cultural. Outrossim, percebe-se a singularidade de uma reflexão em que ecoam vozes linguísticas, literárias, filosóficas, todas em busca de tensionar o contemporâneo, de repensá-lo alicerçando-se no tradicional, mas levando ao embate entre tradição e modernidade. Deste modo, a revista quer proporcionar uma reflexão que desconstrua os pré-conceitos, o pré-estabelecido, apostando em trânsitos — enquanto caminhos — que causem estranhamento e levem a indagações; esse é o papel do crítico na perspectiva do (pós).

Mauren Pavão Przybylski